ISSN: 2358-8829

A PRÁTICA DOCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: articulação entre métodos e experiências pedagógicas nos anos iniciais do ensino fundamental

Cleomar Rodrigues da Silva[1]
Elinalva 0liveira Lima[2]
Pedrina Daiane Tomaz Andrade [3]
Sullimary Cardoso da Silva[4]
Paulo Roberto de Jesus Silva[5]

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental constitui uma etapa determinante do percurso escolar, uma vez que consolida as bases da leitura e da escrita necessárias para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural do estudante. Trata-se de um processo complexo que transcende a mera decodificação de códigos e requer a apropriação dos usos sociais da linguagem escrita em práticas cotidianas. Nesse contexto, a atuação do professor alfabetizador assume papel central, cabendo-lhe organizar intervenções intencionais e planejadas que favoreçam aprendizagens significativas.

A relevância deste estudo fundamenta-se na necessidade de compreender como os docentes articulam diferentes métodos e estratégias pedagógicas para responder à heterogeneidade das turmas e às especificidades de aprendizagem dos alunos. Diante desse cenário, emergiu a seguinte problemática investigativa: de que maneira as práticas docentes, articuladas a diferentes métodos de alfabetização, contribuem para o desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para responder a essa questão, o estudo teve como objetivo geral investigar como professoras dos anos iniciais articulam métodos de alfabetização e experiências pedagógicas no cotidiano de uma escola pública de Lago dos Rodrigues – MA. Especificamente, buscou-se

[1] Mestrando do Programa Pós-graduação em Ensino na Educação Básica - PPEEB/UFMA da Universidade Federal – MA, cleomar.rs@discente.ufma.br
[2] Mestranda do Programa Pós-graduação em Ensino na Educação Básica - PPEEB/UFMA da Universidade Federal - MA, elinalva.oliveira@discente.ufma.br;
[3] Mestranda do Programa Pós-graduação em Ensino na Educação Básica - PPEEB/UFMA da Universidade Estadual - MA, pedrina.daiane@discente.ufma.br;
[4] Mestranda do Programa Pós-graduação em Ensino na Educação Básica - PPEEB/UFMA da Universidade Federal - MA, sullimary.cardoso@discente.ufma.br;
[5] Doutor em Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso, MT, paulo.rjs@ufma.br;

ISSN: 2358-8829

compreender a atuação docente como mediação pedagógica, identificar os métodos e recursos didáticos utilizados e analisar o papel das atividades lúdicas no processo alfabetizador.

De forma metodológica, a pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, configurando-se como um estudo de caso transversal. O campo de investigação foi uma escola pública municipal localizada no povoado Terra Santa, em Bernardo do Mearim - MA, tendo como participantes duas professoras alfabetizadoras (uma do 1º ano e outra do 2º ano). A coleta de dados ocorreu mediante entrevistas semiestruturadas compostas por dez perguntas abertas e observações de sala de aula registradas em diário de campo. Os dados foram submetidos à análise descritiva e interpretativa, respaldada pelo referencial teórico sobre alfabetização e letramento.

Os achados da pesquisa evidenciaram que as docentes adotam uma abordagem metodológica integrada e flexível, combinando elementos dos métodos fônico, silábico e analítico com o uso de sequências didáticas, jogos pedagógicos, literatura infantil e materiais manipuláveis. Demonstrou-se que a mediação pedagógica intencional, pautada no acompanhamento diagnóstico e no acolhimento dos diferentes ritmos dos estudantes, é decisiva para o êxito do ensino. Constatou-se, ainda, que fatores como a heterogeneidade das turmas, a limitação de recursos e os desafios da parceria com as famílias exigem constante reelaboração da prática educativa e investimento em formação continuada.

Conclui-se que a alfabetização se consolida como um processo humano, dinâmico e social, no qual a atuação docente bem fundamentada teoricamente e sensível à realidade dos discentes viabiliza uma apropriação efetiva e crítica da cultura escrita nos anos iniciais da Educação Básica.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, estruturada por meio de um estudo de caso transversal. Essa estratégia metodológica viabilizou uma compreensão aprofundada das práticas pedagógicas, percepções e estratégias adotadas por professoras no cotidiano do processo de alfabetização.

O estudo foi desenvolvido em uma escola pública municipal situada no povoado Terra Santa, em Bernardo do Mearim - MA. A escolha do local deu-se por configurar um contexto real de atuação docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa duas professoras alfabetizadoras (uma atuante no 1º ano e outra no 2º ano), selecionadas por conveniência mediante disponibilidade e aceite voluntário. Foram adotados como critérios de

inclusão o exercício direto da função docente no ciclo de alfabetização durante o período da pesquisa, excluindo-se profissionais afastadas ou que não manifestaram concordância em participar.

Para a coleta de dados, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas, compostas por dez perguntas abertas que abordaram metodologias, recursos didáticos, avaliação, desafios, formação continuada e envolvimento familiar, além de observações diretas em sala de aula registradas em diário de campo. Os dados empíricos foram organizados e submetidos à análise qualitativa de caráter descritivo e interpretativo, cotejados com o referencial teórico adotado.

Em concordância com as diretrizes éticas para pesquisas científicas, o estudo seguiu os preceitos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A participação das docentes ocorreu de forma voluntária mediante a assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o anonimato das participantes e a confidencialidade das informações, utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Ademais, no que tange ao direito de uso de imagens e registros institucionais, foram obtidas as devidas autorizações e termos de anuência junto à instituição escolar e aos envolvidos, assegurando o respeito à privacidade e a proteção da identidade e da integridade da comunidade escolar investigada.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental constitui a base fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos estudantes, não se limitando apenas à memorização de códigos gráficos, mas abrangendo a construção ativa de sentidos. Conforme apontam Sali (2023) e Vanzuita (2024), ler implica interpretar e compreender sinais registrados, enquanto escrever envolve a expressão de pensamentos e conhecimentos por meio de símbolos convencionados, exigindo tanto competências motoras quanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico.

Nessa perspectiva, a alfabetização caminha de forma indissociável com o letramento. Fernandes (2024) e Silva (2019) ressaltam que o letramento amplia o conceito técnico da alfabetização ao considerar os usos sociais reais da leitura e da escrita nas diversas práticas culturais. Magda Soares (2020) reforça essa perspectiva ao enfatizar que alfabetizar e letrar são tarefas distintas, porém complementares e simultâneas. Para a autora, a apropriação do sistema de escrita alfabética precisa ocorrer imersa no desenvolvimento de habilidades de

inserção na cultura escrita. Assim, o professor alfabetizador assume uma função central como mediador, organizando um ambiente estimulante e acolhedor que dialogue com os conhecimentos prévios e com a realidade sociocultural das crianças.

Historicamente, a estruturação desse ensino passou por diferentes abordagens e correntes pedagógicas. Dalla (2024) destaca que os métodos de alfabetização dividem-se inicialmente entre sintéticos - que partem das unidades menores para o todo (como o método fônico e o silábico) - e analíticos, que percorrem o caminho inverso, partindo de palavras, frases ou textos globais para a análise das partes. Historicamente, a busca por superar as limitações de modelos isolados deu origem a práticas mistas ou analítico-sintéticas. No entanto, a grande revolução conceitual no campo da alfabetização ocorreu a partir dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), ao demonstrarem que a criança não é uma mera receptora passiva de estímulos, mas um sujeito ativo que constrói hipóteses sobre a escrita.

A teoria da psicogênese da língua escrita desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1985) revelou que o processo de apropriação da escrita passa por fases evolutivas bem definidas: os níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Ao compreender que a criança formula teorias sobre o funcionamento do código alfabético antes de dominar a norma padrão, o papel do docente transforma-se substancialmente. O erro deixa de ser compreendido como uma falha a ser punida e passa a ser interpretado como um indicador do raciocínio discente, orientando o planejamento de intervenções pedagógicas e conflitos cognitivos que impulsionem o avanço do aluno para etapas mais complexas de conceituação.

Essa concepção construtivista encontra importante sustentação no sociointeracionismo de Lev Vygotsky, que postula o papel determinante da interação social e da mediação no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) - compreendida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela resolução sob a orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes - constitui o cerne da ação docente na alfabetização. O professor, ao organizar agrupamentos produtivos e propor mediações intencionais, atua exatamente na ZDP do estudante, possibilitando a consolidação de novos conhecimentos de forma colaborativa.

A articulação entre teoria e prática pedagógica exige do docente uma reflexão crítica constante, fundamentada na perspectiva freireana de que a práxis educativa une ação e reflexão. Paulo Freire (1996, 2002) assevera que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Na visão de Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que implica dizer que a prática alfabetizadora

precisa estar enraizada na bagagem cultural e nas vivências do estudante, tornando a aprendizagem um ato de conscientização e libertação.

Conforme destaca Libâneo (2004), a didática atua como o elo entre os objetivos teóricos e as situações reais de aprendizagem. Desse modo, o uso intencional de atividades práticas, lúdicas, jogos pedagógicos e literatura infantil atua como facilitador do desenvolvimento da consciência fonológica e do engajamento dos alunos. A ludicidade na alfabetização não se configura como mero passatempo, mas como um recurso pedagógico estratégico. Como apontam Brito (2024) e Pessoa et al. (2024), os jogos e brincadeiras estimulam habilidades cognitivas fundamentais, tais como atenção, memória, raciocínio lógico e manipulação consciente dos sons da língua (consciência fonológica), elementos vitais para a aprendizagem da correspondência grafofônica.

Por fim, a mediação pedagógica enfrenta diversos desafios cotidianos no contexto escolar contemporâneo. Dentre eles, destacam-se a acentuada heterogeneidade das turmas, as transições entre etapas de ensino, a escassez de recursos didáticos diversificados, as desigualdades socioeconômicas e a necessidade de fortalecer a parceria entre a escola e a família. Superar tais obstáculos demanda, segundo Narciso et al. (2024), Santos (2022) e Zuin et al. (2022), investimento contínuo na formação docente e um planejamento intencional, garantindo que o processo de alfabetização cumpra seu papel emancipatório, equitativo e socialmente significativo nos anos iniciais da Educação Básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo realizada em uma escola pública no povoado Terra Santa, município de Bernardo do Mearim - MA, envolveu duas professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental (identificadas como Professora A, do 2º ano, e Professora B, do 1º ano). A sistematização dos dados empíricos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas e observações de sala de aula foi organizada em categorias analíticas que refletem o cotidiano e os desafios do processo de alfabetização.

Categoria 1: Abordagens Metodológicas e Integração de Práticas de Alfabetização e Letramento

No que tange às metodologias adotadas, os achados empíricos revelam que as docentes utilizam uma perspectiva integrada e flexível. A Professora A destacou o uso de sequências didáticas, jogos e leitura diária de gêneros textuais, enquanto a Professora B

relatou combinar métodos fônicos, consciência fonológica, listas de palavras, textos memorizados e o trabalho com nomes próprios. Esses resultados demonstram que a alfabetização é concebida para além da decodificação mecânica. Tal achado corrobora as discussões de Sali (2023) e Vanzuita (2024) sobre a importância de articular o domínio técnico da escrita às suas funções sociais, alinhando-se também a Dalla (2024), que aponta a insuficiência de métodos isolados e defende a intencionalidade pedagógica na práxis educativa.

Categoria 2: Adaptações Curriculares e Atendimento à Heterogeneidade

A investigação evidenciou que a heterogeneidade das turmas e os diferentes ritmos de aprendizagem exigem constante adaptação pedagógica. Ambas as professoras afirmam realizar avaliações diagnósticas e observações diárias para guiar intervenções individualizadas, utilizando recursos concretos, letras móveis, apoio visual e agrupamentos produtivos. Essa sistematização prática dialoga diretamente com os postulados de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), que concebem a criança como um sujeito ativo formulador de hipóteses sobre a escrita. Desse modo, o erro deixa de ser visto como falha e passa a integrar o diagnóstico formativo, corroborando as reflexões de Lotsch (2016) acerca da relevância de respeitar o percurso cognitivo individual do educando.

Categoria 3: Recursos Didáticos, Ludicidade e Motivação no Cotidiano Escolar

Quanto aos recursos didáticos considerados essenciais, destacaram-se os livros de literatura infantil, o alfabeto móvel, os jogos pedagógicos, as fichas de leitura e os materiais manipuláveis. Para manter os alunos motivados, as docentes recorrem a histórias envolventes, projetos temáticos, músicas e escrita criativa. A análise empírica comprova que o lúdico, quando planejado com rigor técnico, estimula funções cognitivas superiores e o engajamento emocional. Essa constatação teórica encontra respaldo em Fernandes (2024) e Bes et al. (2018), que reforçam a necessidade de ambientes alfabetizadores ricos, estimulantes e capazes de gerar autonomia e prazer pelo ato de ler e escrever.

Categoria 4: O Papel da Avaliação e os Desafios Docentes

ISSN: 2358-8829

O acompanhamento do progresso discente ocorre por meio de registros contínuos, sondagens de leitura e escrita, observações diárias e uso de portfólios, caracterizando uma avaliação genuinamente formativa. Contudo, os depoimentos revelaram barreiras significativas no cotidiano escolar, tais como a discrepância nos ritmos de aprendizagem, a defasagem acentuada, a escassez de materiais didáticos e a fragilidade no apoio familiar. Tais resultados corroboram as análises de Zuin (2022) e Santos (2022), ao demonstrarem que o trabalho alfabetizador é fortemente atravessado por condicionantes socioestruturais que exigem do professor sensibilidade, resiliência e constante atualização por meio da formação continuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender que a prática docente no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental constitui um eixo determinante para o desenvolvimento integral e a apropriação da cultura escrita pelos estudantes. Os achados evidenciaram que a alfabetização não se restringe à aplicação linear de um único método, mas exige uma articulação dinâmica e flexível entre abordagens fônicas, silábicas e analíticas, integradas às práticas sociais de letramento.

Em termos de prospecção de aplicação empírica para a comunidade científica e para o cotidiano escolar, os resultados oferecem subsídios práticos para o planejamento pedagógico de professores alfabetizadores. Demonstrou-se que a mediação intencional, pautada em avaliações diagnósticas contínuas, no uso de recursos lúdicos e no respeito à heterogeneidade das turmas, potencializa significativamente o avanço das hipóteses de escrita das crianças. Desse modo, o estudo fornece parâmetros que podem orientar oficinas de formação continuada e a elaboração de diretrizes curriculares voltadas a valorizar a práxis pedagógica contextualizada.

Por fim, longe de esgotar a temática, os reflexos desta investigação abrem espaço para o diálogo com novas pesquisas no campo da educação. Sugere-se a realização de estudos futuros que acompanhem de forma longitudinal o impacto de metodologias integradas em diferentes contextos regionais, bem como investigações focadas no suporte a alunos com dificuldades específicas de aprendizagem e no fortalecimento da parceria entre escola e comunidade. Conclui-se que investir na valorização do professor alfabetizador e na fundamentação teórica de sua prática é o caminho indispensável para garantir a todas as crianças o direito a uma alfabetização emancipatória, crítica e de qualidade.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Izabel Cristina Araujo; RIBEIRO, Solange Lucas. Alfabetização de alunos com TEA: a centralidade nas diferenças e potencialidades do sujeito. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 13, n. 26, 2022.

AMBROSIO, Bruna Favarato Vieira. **Brincando de aprender: o papel do lúdico como alicerce no processo de alfabetização e letramento**. 2024.

ARAÚJO, Leonara Garcia de. **Desafios enfrentados pelo(a) professor(a) alfabetizador(a): estudo de caso em uma turma multisseriada no Centro Rural de Jardim de Piranhas-RN**. 2023.

ARAUJO, Liane Castro. **Jogos como recursos didáticos na alfabetização: o que dizem e fazem as professoras**. Salvador, 2020.

BES, P. et al. **Alfabetização e letramento** [recurso eletrônico]. Alegre: SAGAH, 2018.

BRITO, Luana Maria de. **A ludicidade no processo de alfabetização: um relato de experiência com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

DALLA VALLE, Luciana de Luca. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: Intersaberes, 2024.

FERNANDES, T. **O conceito de letramento e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Cortez, 2024.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NARCISO, M. et al. A mediação pedagógica no processo de alfabetização: desafios e possibilidades. **Revista Práxis Educacional**, v. 20, n. 4, p. 102–118, 2024.

PESSOA, R. et al. O jogo como estratégia facilitadora da aprendizagem nos anos iniciais. **Cadernos de Educação**, n. 45, p. 55–72, 2024.

SALI, A. **Práticas pedagógicas e os processos iniciais de leitura e escrita**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

SILVA, M. **Letramento e usos sociais da escrita na escola contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, Magda Becker. A proposta de ensino e avaliação de alfabetização em Lagoa Santa, Minas Gerais. **Em Aberto**, Brasília, v. 33, n. 108, p. 191–201, 2020.

VANZUITA, A. **Cognição, linguagem e aprendizagem da escrita alfabética**. Curitiba: CRV, 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.

ZUIN, Poliana Bruno; ZUIN, Luís Fernando Soares; MARIOTTO, Isadora Pascoalino. Literatura infantil como objeto mediador das práticas de letramento e do processo de alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 17, 2022.